

Cidade de Deus e Cidade dos Homens

De acordo com o que você já estudou, é possível perceber que, nos pensamentos dos gregos Platão e Aristóteles, Ética e Política se interligavam pelos mesmos fins: a justiça e o bem comum. Isso também ocorria entre antigos pensadores romanos, como Cícero e Sêneca, que tomavam como base para o **bom governo** o ideal platônico do governante filósofo, cuja conduta deveria servir de exemplo para a comunidade política. Eles afirmavam que o bom governante, ou seja, o príncipe virtuoso, deveria agir sempre de forma racional, sem a "violência do leão", nem a "astúcia da raposa", a fim de conquistar o amor e o respeito dos súditos. Portanto, esperavam-se do governante as seguintes características:

- 👉 **Virtudes cardeais** – sabedoria, justiça, coragem e temperança (moderação).
- 👉 **Objetivos nobres** – honra, glória e fama.
- 👉 **Virtudes principescas** – honradez (sempre manter seus princípios); magnanimidade (punir com justiça e clemência); liberalidade (pôr suas riquezas a serviço do povo).

O cristianismo herdou de Roma a teoria do bom governo e alguns modelos de instituições políticas. Além disso, apropriou-se da concepção hebraica de **poder teocrático**. Assim, na Idade Média, o vínculo entre a autoridade política e a religiosa trouxe uma nova imagem de príncipe virtuoso que, além das virtudes romanas, deveria apresentar as **virtudes cristãs**: fé, esperança e caridade.

Nesse contexto de cristianização dos ideais políticos, Agostinho de Hipona, que viveu entre os séculos IV e V, apresentou uma nova concepção filosófica sobre a política e o bom governo, a qual teve grande influência sobre o pensamento medieval.

Agostinho concebia a história da humanidade como o palco de uma luta acirrada entre o reino de Deus e o reino do mundo, marcado pelo mal. Essa longa batalha teria começado com a queda dos anjos maus, no início dos tempos, e duraria até o fim dos tempos, quando o juízo final destinaria os bons à vida eterna, em comunhão com Deus, cabendo aos maus o castigo eterno pelos seus atos.

No pensamento agostiniano, a virtude individual era entendida como a correta ordenação do amor, o que significava adequar a medida desse sentimento em relação ao valor de cada objeto digno dele. Nessa ordenação, o grau infimo do amor deveria destinar-se aos elementos materiais, necessários à sobrevivência. Acima deles, estariam os seres humanos, nossos semelhantes, mercedores de uma medida maior desse sentimento. Finalmente, acima de tudo, estaria Deus, a quem os indivíduos deveriam se consagrar inteiramente, amando-o com todo o seu ser.

Sendo assim, Agostinho manteve os antigos laços entre a Ética e a Política, concebendo o amor como fundamento da comunidade social perfeita, o Estado ou Cidade de Deus, em oposição à **concupiscência** da comunidade terrena, o Estado ou Cidade dos Homens.

Teocracia (*theos*: Deus; *kracia*: poder): sistema político em que o governo aponta a vontade de Deus como fundamento para se estabelecer.



MAÎTRE François. A Cidade de Deus rodeada por demônios. [ca. 1474-1480]. Iluminação do livro de Santo Agostinho, A Cidade de Deus – Livro de Horas, I-X, Paris. Biblioteca Nacional da França, Paris.

- Para Agostinho, o mundo era o palco de uma constante batalha entre o bem e o mal, o que fazia da política uma atividade essencialmente ética, devendo ser exercida de acordo com a vontade divina, para que o bem triunfasse.

concupiscência: desejo intenso por bens ou prazeres materiais.

Agostinho caracterizava essas duas "cidades" de acordo com o posicionamento espiritual, a finalidade e a forma de uso dos bens temporais em cada uma delas, como você pode observar a seguir.

Cidade de Deus: Jerusalém (significa visão da paz)

- Representada pela Igreja.
- Associação de pessoas voltadas aos fins divinos, tendo em vista o amor e a glória de Deus, até chegar ao desprezo de si.
- Seus membros desejavam a paz eterna, celestial. Por isso, deveriam utilizar os bens terrenos com temperança, como peregrinos em direção ao melhor dos destinos.

Cidade dos Homens: Babilônia (significa confusão)

- Representada pelos reinados terrenos.
- Associação de pessoas voltadas aos fins terrenos, ao amor a si, desprezando Deus.
- Seus membros desejavam a paz terrena para usufruírem dos bens desse mundo, aos quais seriam apegados, valorizando-os ao máximo.

Agostinho afirmava ainda que essas duas cidades, tão distintas espiritualmente, se confundiam no plano material em razão da íntima convivência entre seus membros. Portanto, as sociedades terrenas seriam formadas pelos cidadãos de ambas. Mas, ainda que eles se reunissem em torno dos mesmos bens terrenos, seus objetivos seriam opostos.



Para ler e refletir

Leia o texto a seguir, no qual Agostinho revela as características do Estado terreno e do Estado divino. Ele foi extraído de uma de suas obras, *A Cidade de Deus*.

Mas a família dos homens que não vivem da fé busca a paz terrena nos bens e comodidades desta vida. Por sua vez, a família dos homens que vivem da fé espera nos bens futuros e eternos, segundo a promessa. Usam dos bens terrenos e temporais como viajantes. Não os prendem nem desviam do caminho que leva a Deus, mas os sustentam a fim de que suportem com mais facilidade e não aumentem o fardo do corpo corruptível, que oprime a alma. O uso dos bens necessários a esta vida mortal é, portanto, comum a ambas as classes de homens e a ambas as casas, mas no uso cada qual tem fim próprio e modo de pensar muito diverso do outro. Assim, a cidade terrena, que não vive da fé, apetece também a paz, porém, firma a concórdia entre os cidadãos que mandam e os que obedecem, para haver, quanto aos interesses da vida mortal, certo concerto das vontades humanas. Mas a cidade celeste, ou melhor, a parte que peregrina neste vale e vive da fé, usa dessa paz por necessidade, até passar a mortalidade, que precisa de tal paz. Por isso, enquanto está como viajante cativa na cidade terrena, onde recebeu a promessa de sua redenção e como penhor dela o dom espiritual, não duvida em obedecer às leis regulamentadoras das coisas necessárias e do manutenção da vida mortal. Como a mortalidade lhes é comum, entre ambas as cidades há concórdia com relação a tais coisas. Acontece, porém, que a cidade terrena teve certos sábios condenados pela doutrina de Deus, sábios que, por conjeturas ou por artifícios dos demônios, disseram que deviam **amistar** muitos deuses com as coisas humanas. Encomendaram-lhes à tutela diversos seres, a este o corpo, àquele a alma e, no mesmo corpo, a um a cabeça, a outro a **cerviz**;

amistar: conciliar, congregar, harmonizar.

cerviz: parte posterior do pescoço, nuca.

quanto às demais partes, a cada um deles a sua. De igual modo na alma. A este encomendaram o espírito, àquele a ciência, a um a cólera, a outro a concupiscência e, quanto às coisas necessárias à vida, a um o gado, a outro o trigo, a outro o vinho, a outro o azeite, a outro as selvas, a outro o dinheiro, a outro a navegação, a outro as guerras e as vitórias, a outro os matrimônios, a outro os partos e a fecundidade, a outro os seres. A cidade celeste, ao contrário, conhece um só Deus, único, a quem se deve o culto e a servidão, em grego chamada *latreia*, e pensa com piedade fiel não ser devido senão a Deus. Tais diferenças deram motivo a que essa cidade e a cidade terrena não possam ter em comum as leis religiosas. Por causa delas a cidade celeste se vê na precisão de *dissentir* da cidade terrestre, ser carga para os que tinham opinião contrária e suportar-lhes a cólera, o ódio e as violentas perseguições, a menos que algumas vezes refreie a animosidade dos inimigos com a multidão de fiéis e sempre com o auxílio de Deus. Enquanto peregrina, a cidade celeste vai chamando cidadãos por todas as nações e formando de todas as línguas, verdadeira cidade *viajora*. Não se preocupa com a diversidade de leis, de costumes nem de institutos, que destroem ou mantêm a paz terrena. Nada lhes suprime nem destrói, antes os conserva e aceita; esse conjunto, embora diverso nas diferentes nações, encaminha-se a um só e mesmo fim, a paz terrena, se não impede que a religião ensine deva ser adorado o Deus único, verdadeiro e sumo. Em sua viagem a cidade celeste usa também da paz terrena e das coisas necessariamente relacionadas com a condição atual dos homens. Protege e deseja o acordo de vontades entre os homens, quanto possível, deixando a salvo a piedade e a religião, e *supedita* a paz terrena à paz celeste, verdadeira paz, única digna de ser e de dizer-se paz da criatura racional, a saber, a ordenadíssima e concordíssima união para gozar de Deus e, ao mesmo tempo, em Deus. Em chegando a essa meta, a vida já não será mortal, mas plenamente vital. E o corpo já não será animal, que, enquanto se corrompe, oprime a alma, mas espiritual, sem necessidade alguma, plenamente submetido à alma. Possui essa paz aqui pela fé, de que vive justamente, quando à consecução da verdadeira paz refere todas as boas obras que faz para com Deus e com o próximo, porque a vida da cidade é vida social.